

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A Casa

14 e 25 de Maio de 2026

TOMMASO / 2019

Tommaso

um filme de ABEL FERRARA

Realização e Argumento: Abel Ferrara / Fotografia: Peter Zeitlinger / Montagem: Fabio Nunziata / Direcção Artística: Tommaso Ortino / Som: Silvia Moraes / Música: Joe Delia / Interpretação: Willem Dafoe (Tommaso), Cristina Chiriac (Nikki), Anna Ferrara (Deedee), Maricla Amoriello (professora de italiano), Luciano Sovena (chefe de polícia), Sofia Rania, Hassan Khan, Anastasia Balan, etc.

Produção: Simila(r), Faliro House Productions, Vivo Film, Washington Square Films (Itália, Reino Unido, Estados Unidos, Grécia) / Produtores: Simone Gattoni, Michael Weber, Christos V. Konstantakopoulos, Laura Buffoni / Cópia: em DCP, cor, legendada electronicamente em português / Duração: 115 min / Primeira apresentação pública: 20 de Maio de 2017, Festival de Cannes / Primeira apresentação pública em Portugal: 5 de Dezembro de 2019, LEFFest / Estreia Mundial: 5 de Junho de 2020, Estados Unidos / Primeira exibição na Cinemateca.

Tommaso tem uma componente autobiográfica muito acentuada e tal é uma das suas mais evidentes propriedades, correspondendo à “fase italiana” de Abel Ferrara, que, tal como o protagonista, se havia mudado para a cidade de Roma e começou aí uma nova etapa da sua vida. A casa, o grande tema deste Ciclo, é a sua. E se a casa se identifica com a sua real morada, parte das personagens e da narrativa também convidam a que consideremos este como um exercício muito pessoal. Willem Dafoe – que é verdadeiramente genial – interpreta um realizador atormentado e em pleno acto criativo, que se confronta com as vicissitudes da vida em família. Alter-ego de Ferrara, numa versão de ex-toxicodependente já com alguma idade e em recuperação, Dafoe contracena com um conjunto de não-actores, entre os quais a filha de apenas três anos do cineasta (Anna Ferrara, que aqui é Deedee), e a sua mulher, muitos anos mais nova que ele, Cristina Chiriac (que encontramos como Nikki).

Obra de natureza confessional, **Tommaso** revela-se como um jogo de espelhos e de máscaras: “(um jogo um pouco autopunitivo, como Ferrara tem tendência a ser) que expõe, mais máscara menos máscara, o reduto íntimo do realizador”, como escrevia Luís Miguel Oliveira no texto que introduzia o filme no contexto deste programa dedicado “à casa”. Na fronteira entre o documento e a ficção, **Tommaso** apresenta-se como uma meditação sobre os problemas da conjugalidade, os desafios da vida conjugal colocados a um casal pelo nascimento de um filho (neste caso uma menina, que continua a ser tratada por bebé), tudo isto tendo como pano de fundo o universo conturbado de um já rodado realizador, que procura uma vida mais calma e regradada

num país que não é o seu, depois de muitos excessos que quase o destruíram, e que comprometeram relações anteriores. A dada altura Dafoe/Tommaso/Ferrara cita um velho conhecido que o terá encontrado na rua muitos anos depois, que lhe diz que fica muito feliz “por ainda estar vivo”. Do mesmo modo relata nas suas “reuniões” a mágoa pelo modo como tratou os seus outros filhos mais velhos, como se se tratasse aqui de uma tentativa de redenção e de refazer a história.

A câmara é muito móvel e os movimentos são fluidos, acompanhando-se os ritmos e os movimentos das personagens. Não encontramos uma cidade apocalíptica, como aquelas que enformam a fase americana de Ferrara e suas anteriores personagens, mas há ecos desse imaginário negro e de uma descida aos infernos, misto da realidade existente e das projecções do protagonista, que nos envolve num universo de indecibilidade entre o que estará a acontecer na narrativa e o que é efabulado na sua mente. A raiva está sempre presente a lembrar-nos que estamos num filme de Ferrara, que em 1992 realizara **Bad Lieutenant**, que nos remete para a independência do seu cinema e de um sistema de produção aparentemente mais leve.

Em entrevistas, Ferrara afirmou várias vezes que os protagonistas se identificam com as suas próprias *personas*, mas que delas também se afastam. Tal é visível na tentativa assumida de conciliar a sua vida pessoal e familiar com a elaboração do guião de um filme, que, como num filme anterior sobre os últimos dias de Pasolini (**Pasolini**, 2014), só existe na cabeça do seu autor. A aproximação revela-se ainda na opção por filmar um quotidiano pontuado por pequenos acontecimentos à partida anódinos, como os de qualquer família vulgar, dos momentos de lazer com a criança, às discussões, que culminam numa agressividade latente, que parece a todo o momento querer disparar.

Não estando confinado a casa, Tommaso circula por aulas de dança, cafés romanos, reuniões dos narcóticos anónimos, e sessões de meditação, em que procura algum equilíbrio face a um mundo em transformação. Mas a vida e a sua cabeça não o deixam em paz, e uma das grandes qualidades do filme reside no modo como Ferrara projecta tamanha perturbação em Willem Dafoe, que lhe responde à altura. Afinal estamos no universo de Ferrara.

Joana Ascensão